



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp

2023



TRAUMA, DISCURSO E HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: UM PERCURSO POR TESTEMUNHOS DE FILHOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Palavras-Chave: Análise de Discurso, Literatura de Testemunho, Heterogeneidade Enunciativa.

Autores:

Amani Musstafa Zoghbi, IEL/UNICAMP

Lauro José Siqueira Baldini (Orientador), IEL/UNICAMP

INTRODUÇÃO

Em Análise de Discurso (doravante AD), domínio ao qual este projeto se ampara, não há uma relação direta do sujeito com a *exterioridade*, pelo contrário, esta relação atravessa determinadas condições de produção do dizer. A língua jamais se materializa separada da história e da ideologia, visto que são estas que determinam a constituição dos sentidos e das subjetividades. Palavras não carregam sentido nelas mesmas, não há literalidade, o significado não se cola ao significante. Nossas lexias derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem, manifestando, nos discursos, as formações ideológicas às quais se amparam. Quando o sujeito se torna um sujeito-falante, e assume uma posição, isto não se configura como um ato originário deste sujeito-falante, mas somente como uma “determinação do interdiscurso, da *exterioridade* sobre si mesmo” (Brust & Petri, 2013, p. 23).

A AD provoca um deslocamento importante na concepção de sujeito. Pêcheux não se debruça apenas sobre uma articulação entre língua, história e ideologia. Profundamente afetado por Lacan, Pêcheux nos apresenta um sujeito clivado, descentrado e heterogêneo, um sujeito sobre o qual não é possível pensar, refletir e conceber sem fazer menção à noção de *inconsciente*, àquilo que se deixa revelar por uma não-consciência, por passagens tomadas por falhas, tropeços, equívocos (Lacan, [1957] 1998). É justamente a noção de *falha* que permite a inscrição do inconsciente na Análise de Discurso. É neste ponto que o sujeito, como mero efeito de linguagem, depende da ilusão de que é capaz de distanciar-se de si, das condições de

produção em que está inserido o seu dizer, e das próprias vozes que o compõem e que, junto dele, falam e se silenciam a todo momento.

Aqui, nos aproximamos da noção de *heterogeneidade enunciativa*. Authier-Revuz, bastante influenciada pelas teorias psicanalíticas sobre o sujeito, e ligada às noções de dialogismo e polifonia desenvolvidas por Bakhtin, toma a heterogeneidade como fundante, postulando que todo dizer traz consigo, necessariamente, outros dizeres. O que parece constituir para Authier-Revuz um sinal de marcação são possíveis indicações linguísticas de que o sujeito teria se dado conta de que seu dizer foi invadido por outras vozes. Neste ponto nos afastamos da autora, e nos amparamos ao princípio de que a não consciência do sujeito não necessariamente descaracteriza um fenômeno de heterogeneidade marcada, visto que o advento do inconsciente também se deixa revelar por marcas. E cabe a nós nos reportarmos ao que foi efetivamente dito, e não ao que se pretendia enunciar. Se o sujeito não se dá conta de sinalizar *conscientemente* o heterogêneo no fio discursivo de seu dizer, isso não anula a irrupção do *Outro* no fio discursivo.

Nesse sentido, se o discurso revela-se naturalmente impregnado de falhas, equívocos e interdições, *marcas* do inconsciente, o que podemos supor sobre um *funcionamento testemunhal* do discurso, constituído pelas feridas de um trauma? Quais vozes o atravessam? Em um relato político, quem fala? O sujeito ferido ou o coletivo ameaçado? A criança ceifada? O adulto confuso? Todos falam? Todos *sempre* falam? Esta pesquisa busca, mobilizando o arcabouço teórico da literatura de testemunho (Mariani, 2016; Levi, [1946] 2013; Seligmann-Silva, 2017) e noções de heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 1990; Brito e Cavalcanti, 2013), investigar a possibilidade de um funcionamento próprio de heterogeneidade enunciativa no discurso testemunhal. A pesquisa questiona, essencialmente, *quem narra* quando uma testemunha se propõe a narrar um relato traumático; se haveria, neste caso, entre múltiplas vozes, um embate entre a criança ferida, em quem se inscreveu o trauma, o adulto, que se apresenta às mesas de uma comissão, ou o coletivo *filhos da ditadura*, que fala por uma ou por múltiplas causas, entre tantos outros possíveis embates. Há uma rica produção teórica em torno das materialidades que constituem e atravessam uma testemunha, mas pouco é escrito e questionando sobre a testemunha que materialmente se inscreve na língua, e *como* se inscreve. *Quem*, aliás, se inscreve? A partir de quais vozes se inscreve?.

METODOLOGIA

Esta investigação, que desloca seu olhar à materialidade linguística, ao que emerge pelo equívoco, pelo non-sense, pela *falha*, gira em torno de dezoito depoimentos do Seminário Verdade e Infância Roubada, promovido pela Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva, destinado a ouvir depoimentos de filhos de militantes políticos atingidos pelo horror, pela repressão e pela máquina da morte da ditadura civil-militar brasileira. Cada testemunho, que dura em média trinta minutos, foi transcrito seguindo as convenções de transcrição de Petri (1993, 2009). O processo de análise sobre o *corpus* tem sido realizado mediante um gesto de leitura-trituração (Pêcheux, 1981), produzindo extrações, recortes e aproximações de sequências discursivas, enunciados e marcas linguísticas que aproximem o analista daquilo que suspeita ser estruturante. Em Análise de Discurso, não podemos dissociar teoria, objeto, método e análise; em *movimento pendular*, o analista deve deslocar o seu olhar para a teoria e para o seu objeto discursivo, investigando e questionando nele a manifestação de uma materialidade específica. A delimitação do corpus não almeja uma exaustividade *horizontal* (em extensão), mas uma exaustividade *vertical* (Orlandi, 2009), que produz consequências teóricas relevantes. O estabelecimento de aproximações não ocorre meramente por vias temáticas ou por uma homogeneidade entre os materiais, mas a partir da identificação de elementos estruturantes, que se repetem nos materiais, e que possivelmente também se fariam presentes em outros casos em que estivesse em questão o relato traumático, o testemunho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, neste momento, está caminhando para a segunda e última parte. Até o momento, foram encontrados sintomas particulares da emergência do heterogêneo no fio testemunhal. A incapacidade de permanecer na primeira pessoa do discurso (o deslocamento constante para a terceira pessoa) é bastante recorrente. Em alguns casos, o adulto percebe que seu dizer foi atravessado pela criança, ri (sem jeito), e adiciona “aqui estou me reportando ao Paulo de 8 anos”, ou simplesmente “aqui é a criança que está falando”. O objeto do dizer também é confuso; há deslizes metafóricos constantes: “a história do Brasil”? “a história do meu pai”? “a minha história”?. Também cabe questionar o porquê de as testemunhas alternarem tanto os modos com que se referem aos pais, às vezes como “pai” ou “mãe”, e

outras tantas pelos seus respectivos nomes próprios. Em alguns casos analisados, isto está intimamente ligado ao eixo temático que circunda o dizer: se fala sobre saudade, trauma ou angústia, é “meu pai”; se fala sobre resistência e libertação nacional, é “Gildo”.

Parece haver, aqui, um embate de vozes, movido por uma tentativa de reconstituição subjetiva da infância e pela dimensão traumática do relato, que leva a um confronto entre uma criança (ferida e confusa) e um adulto diante das ciladas do testemunho, que narra uma história que se desencadeia em múltiplas outras (histórias e vozes), e que toca a todo momento a travessia política de uma nação. Não é claro nem mesmo para as testemunhas qual é o objeto de seus dizeres, ou quem se põe a narrar. Às vezes, é a criança. Às vezes, é o adulto. Às vezes, é um coletivo “filhos da ditadura”, “filhos que não conheceram seus pais”, “filhos que não enterraram seus pais”.

CONCLUSÃO

A pesquisa ainda tem muito a ser aprofundado, destrinchado e teorizado nos próximos meses. Não é possível, neste momento, chegar a conclusões definitivas e totalizantes. Mas é possível supor que a heterogeneidade enunciativa se manifesta como mecanismo de elaboração e também de resistência às ciladas do trauma, constituído pela necessidade constante de *falar a falta*. Os relatos, enquanto relatos, são próprios de uma condição em que o sujeito se embaraça com seu próprio inconsciente, e, diante destas ciladas, múltiplas vozes tentam romper o silêncio frente à impossibilidade do dizer, fragmentando-o ainda mais. É profundamente angustiante para o sujeito ouvir suas próprias histórias e suportar a dor da cena vivida, essa extensão da angústia produz muitos dos efeitos discursivos mencionados acima. A testemunha tenta, a todo custo, distanciar-se de si mesma, e, assim, revela, inconsciente e contraditoriamente, a multiplicidade de vozes que a compõem.

BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa (s)**. Trad. Celene M. Cruz e João W. Geraldi. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, 1990.

BRITO, Mariza Angélica Paiva; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Heterogeneidades enunciativas e marcas linguísticas da interpretação psicanalítica**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 9 - n. 2 - p. 399-415 - jul./dez. 2013.

BRUST, Viviane Teresinha Biacchi; PETRI, Verli. **O que quer, o que pode um discurso? O que quer, o que pode esta foto?**. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 1.

LACAN, J. (1998). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto originalmente publicado em 1957).

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. São Paulo: Editora Rocco, 2013.

MARIANI, B. **Testemunho: um acontecimento na estrutura**. Revista Desenredo, v. 12, n. 1, 22 set. 2016.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso - Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PRETI, D. (Org. 1993). **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH/USP.

PRETI, D. (2009). **Entre o oral e o escrito: a transcrição de gravações**. In: Oralidade em textos escritos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

PÊCHEUX, M. (1981). Abertura do colóquio. In: CONEIN, B. et al. (Org.). **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011. p. 23-29.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O testemunho na era biopolítica - Reflexões sobre a exclusão, a violência e a vida nua**. ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 2, p. 121-140, 2017.